

Gênesis 4:8-11: Raça e violência na colônia e na pós-colônia.**Gustavo Silva dos Santos**

Mestrando em Filosofia na UFRJ (PPGF)

<http://lattes.cnpq.br/8468127078478091>gustavosilva.nave@gmail.com

161

A raça, como bem nos diz Mbembe (2018a), não pode existir senão através de uma loucura, um delírio produzido no seio da modernidade e sua sanha de conquista por meio da razão e do progresso. É essa loucura que dá vazão a todo tipo de violência, horror e fetiche; é o poço infinito de fantasias e fantasmas que dominam o colonizar quando este se volta ao colonizado. O colonizado (ou, poderíamos usar aqui de forma intercambiável, o negro) é sempre visto como um ser que não possui agência, racionalidade, capacidade de autodeterminação e, por isso mesmo, como nos afirma Fanon (2020), nenhuma resistência ontológica aos olhos do branco.

A experiência vivida do negro é precisamente essa que é permeada por uma série de subjugações, opressões, vilipendiações de toda ordem que incutem no âmago do indivíduo um senso de inferioridade, falta de perspectiva, bem como de ansiedades sem fim. A vida na colônia (e na pós-colônia) é uma em que jamais se deixa de habitar uma zona de urgência, desespero e vigilância. A isso, Fanon (2022) dará o nome de violência atmosférica. Um clima de pura destruição, paranoia e interdição constante, onde a clausura é o signo mais intenso. Cenário profícuo para que a aparente única linguagem comum entre o colonizador e o colonizado seja a da violência. Justamente por isso, será somente por meio da e na violência que, segundo Fanon, o colonizado poderá se libertar de sua prisão. A violência da descolonização será aquela que destruirá as estruturas coloniais e atuará como um processo de cura, em prol da feitura de um novo mundo onde novas formas de vida sejam possíveis.

Mas o que impede essa violência de se perpetuar infinitamente? O que a impossibilitaria de escapar do controle de seus benfeitores e acabar se replicando de maneira desenfreada, podendo mesmo se voltar contra seus próprios aliados? O que separa a violência revolucionária do terror? Essa é uma problemática que já é abordada pelo próprio Fanon em seu livro *Os condenados da terra*, porém que aparece com ainda

mais força na obra de Achille Mbembe. Será que podemos, realmente, traçar a linha entre inimigo e amigo com tanta precisão quando pensamos poder? Seria esse um ato puramente racional? Como endereçar a questão daquele que se deve enfrentar quando o adversário já não se encontra mais num terreno facilmente delimitado como antes o fora? O tema de uma violência restauradora da descolonização e a ameaça sombria do fratricídio serão dois dos tópicos centrais aos quais buscaremos nos debruçar.

Palavras-chave: Fratricídio. Inimizade. Necropolítica. Raça. Violência.

Bibliografia

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio de Grada Kilomba; posfácios de Deivison Faustino; textos complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. Tradução por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2019.

MBEMBE, Achille. *A universalidade de Frantz Fanon*. [S.l.]. Circuito Ubu, 2020a. Disponível em: <https://circuito.ubueditora.com.br/a-universalidade-de-f/>

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2020b.